

JUNKY, UM MEIO DE VIDA, E O GRITO CONTRA O CAPITALISMO NORTE-AMERICANO DOS ANOS 1940-50¹

JUNKY, A MEANS OF LIFE, AND THE SCREAM AGAINST NORTH AMERICAN CAPITALISM OF THE 1940-50

Daniel Luiz Medeiros ²

RESUMO: A partir da obra *Junky*, apresenta-se uma reflexão sobre o modo de vida *beat*. Por meio do personagem Bill, Burroughs faz, com naturalidade, uma crítica indireta à sociedade capitalista de sua época, à racionalidade exacerbada e ao ideal *American way of life*. A exaltação da racionalidade, fruto da filosofia ocidental, fora motivo de menosprezo do corpo. Burroughs, juntamente com outros *beats*, grita pela liberdade frente à sociedade proibicionista de então e pela santidade do corpo. A crítica ocorre não por meio de argumentos, mas a própria vida de Bill, marcada pelas drogas, é um protesto contra a sociedade. Essa postura de vida aproxima-se de algumas correntes filosóficas do existencialismo, que são citadas no artigo.

Palavras-chave: Corpo. Liberdade. Existência.

ABSTRACT: From the work *Junky*, a reflection on the *beat* way of life is presented. Through the character Bill, Burroughs does with naturality an indirect criticism to the capitalist society of his time, the exacerbated rationality and the *American way of life* ideal. The exaltation of rationality, fruit of Western philosophy, was a motive of contempt of the body. Burroughs, along with other *beats*, shouts for freedom in front of the prohibitionist society of then and for the holiness of the body. Criticism comes not through arguments, but Bill's own life, marked by drugs, is a protest against society. This life posture is close to some philosophical currents of existentialism that are mentioned in the article.

Keywords: Body. Freedom. Existence.

¹ Artigo recebido em 4 de setembro de 2017 e aceito em 25 de novembro de 2017. Texto orientado pelo Prof. Dr. Luiz Roberto Zanotti (UNIANDRADE).

² Mestrando do Curso de Teoria Literária da UNIANDRADE.
E-mail: mdanielluiz@gmail.com



INTRODUÇÃO

O presente artigo se atém à obra intitulada *Junky*, de William S. Burroughs. Esse texto pertence à chamada literatura *beat*, fruto de uma filosofia de vida que se opõe ao ideal capitalista norte-americano dos anos 1940-50. Não se pretende aqui fazer uma análise exaustiva da obra, mas sim levantar alguns aspectos da vida do personagem narrador, diagnosticando sua crítica diante da sociedade na qual estava inserido.

Primeiramente se apresenta uma contextualização da obra – o que a sociedade daquele período vivenciava – bem como uma definição do gênero literário de *Junky*. A partir disso, procura-se relacionar a postura de vida do personagem-narrador com o pensamento filosófico predominante da época (a excessiva racionalidade). Por meio de sua existência, o narrador apresenta-se como um verdadeiro crítico, opondo-se aos bons costumes e à moralidade.

Num segundo momento, destacam-se alguns trechos fundamentais do livro em questão. A partir de tais fragmentos, propõe-se uma intertextualidade com o poema *Uivo*, de Ginsberg, levantando os elementos de crítica social vivenciados pelos *beats*. Por último, busca-se ainda relacionar a vida do personagem-narrador – e dos *beats* em geral – com algumas correntes do existencialismo.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Junky narra, em primeira pessoa, a trajetória de Bill, um viciado em drogas. A narrativa está situada no final da década de 1940 e início da década de 1950. A forma como a obra está escrita sugere que os acontecimentos foram realmente vivenciados. Não se trata, pois, de uma obra totalmente fictícia, previamente pensada, arquitetada e refletida para entreter o leitor.

O livro em questão diz respeito ao relato da experiência de uma vida. Sim, é a vida do próprio William Burroughs que está estetizada nas páginas do livro. Embora os relatos aparentem se referir àquilo que Burroughs realmente vivenciou, seria precipitado considerar *Junky* como um simples relato de fatos, pois, segundo Bakhtin, para que haja um acontecimento estético são necessárias duas consciências (BAKHTIN, 2003, p. 20). De fato, Burroughs, para criar o personagem Bill, já se distancia de si próprio. Por outro lado, uma vez que os traços essenciais da vida de Burroughs estão presentes, podemos aproximar a obra em questão do gênero autoficção (cf. DOUBROVSKY, 1977, p. 10).



Burroughs era um *beat* e, como tal, não encontrava lugar para divagações em seu pensamento como faziam os escritores de sua época, fundamentados em regras, categorias e estilos literários previamente definidos e preocupados com o pudor e com os bons costumes. O que importa para um escritor *beat* é a espontaneidade e a liberdade na escrita; o que importa é a expressão de sua liberdade e a naturalidade em sua maneira de se portar frente à vida, maneira que rompe totalmente com os ideais dos bons costumes e com o ideal da família feliz norte-americana.

Isso não quer dizer que o autor fosse ignorante, desconhecedor de regras literárias ou que tivesse pouco estudo ou, ainda, que as circunstâncias de sua vida não tivessem lhe proporcionado uma vida culta conforme os ideais norte-americanos – pelo menos à primeira vista. Ser um *beat* é ser um crítico, talvez não conforme os padrões reconhecidos na época (e como hoje é possível ter em mente), mas um verdadeiro questionador que expressa sua rebeldia principalmente em sua própria existência, e não simplesmente e apenas em páginas de livros, jornais ou em discursos acadêmicos. Aliás, pode-se dizer que a literatura *beat* é apenas uma consequência do modo de ser *beat*. Neste sentido, vale afirmar que a maneira de viver de um *beat* é como um protesto constante contra a sociedade.

Essa postura radical de Burroughs é compreendida ao se ter presente o contexto em que vivia: uma sociedade extremamente fechada, a ponto de reprimir e rejeitar severamente os homossexuais, os negros e os indígenas (CHAVES JÚNIOR, 2013, p. 113). Em sentido mais amplo, pode-se dizer: uma sociedade que reprimia o corpo e supervalorizava a racionalidade.

De fato, durante séculos o corpo foi menosprezado devido à exaltação da racionalidade, influenciada pela filosofia grega e cristã e reafirmada categoricamente com Descartes: "(...) penso, logo existo!" (DESCARTES, 2001, p. 38). Com Descartes o pensamento vem em primeiro lugar, o corpo é apenas um acidente, algo parecido com a concepção platônica de corpo enquanto "cárcere da alma" (REALE, 2007, p. 209). Isto implica, portanto, uma visão totalmente distorcida e negativa do corpo, a ponto de se construir, ao longo dos anos, uma moralidade repressora a tudo que possa proporcionar o prazer. Peca-se devido ao corpo, logo, o corpo é mau (cf. FEUERBACH, 2007, p. 173).

Talvez a existência de Burroughs venha a ser um protesto contra a covarde sobreposição da razão sobre o corpo, como se de fato houvesse uma dicotomia tal como Platão ou Descartes concebiam.

Se a racionalidade que, uma vez posta como bem supremo na cultura ocidental, coloca a sensibilidade em segundo plano; que ignora os anseios naturais da própria natureza; que tolhe a liberdade inocente do corpo; é a regra geral para a vida culta dentro de uma cultura onde o positivismo e o capitalismo imperam, devorando sem piedade a existência individual e livre do homem; a valorização do corpo vem a ser o meio de protesto natural de pessoas (e não de



mentes) que não estão satisfeitas com a sociedade de então. A valorização do corpo se dá na liberdade de não se importar com regras puritanas ou normativas morais embasadas numa racionalidade que ignora o corpo e o impedem de viver.

Em *Junky*, obra compreensivelmente não aceita facilmente em sua época, Burroughs descreve sua experiência de vida, ou como ele mesmo descreve, seu "meio de vida" (BURROUGHS, 1984, p. 16) com as drogas. Como já se pode julgar, a narrativa se dá de maneira livre, sem escrúpulos e sem pudor.

JUNKY E O GRITO PELA LIBERDADE

Talvez um preconceito que geralmente se tem de alguém viciado em drogas seja que o viciado tenha tido bons motivos para entrar no vício, como uma infância ruim, uma família desestruturada, péssimos exemplos, má educação, más companhias, dentre outras coisas. Mas, afinal, isso definiria a vida de uma pessoa? Isso seria determinante na escolha de vida de alguém?

O fato é que, independentemente da resposta que se dê a esse questionamento, não se sabe ao certo, a partir da leitura de *Junky*, se Burroughs sofreu ou não condicionamentos para se tornar um viciado em drogas. Quanto ao personagem Bill (ele próprio estetizado na obra), pode-se arriscar dizer que não foi o meio que o influenciou a entrar no mundo das drogas, mas sim uma escolha existencial³.

Willian Burroughs procura demonstrar no prólogo da obra que Bill não é um ignorante ou alguém que não tenha tido boas oportunidades na vida. Pelo contrário, ele relata que o personagem teve uma infância bem estruturada e segura junto a seus pais, que por sinal, conforme a narrativa, parecem ter sido bem sucedidos. Sua educação também não fora ruim: frequentou boa escola, uma escola moderna, e teve a oportunidade de cursar uma boa universidade. Certamente Bill tinha tudo para ser mais um americano estimulado pelo ideal *American way of life*.

³ Opta-se em distinguir aqui Burroughs do personagem Bill pelo fato de que Allen Ginsberg afirma, no texto introdutório de *Junky: drogado*, que as informações contidas no prólogo do livro não são verídicas: "O fato de o assunto ser considerado tão maldito pelos media obrigou Burroughs a escrever um prefácio dizendo proceder de uma família muito distinta (...) e explicando como foi que um cidadão supostamente normal chegou a virar um 'drogado pervertido', tudo isso para fazer média junto a leitores, censores, resenhistas, polícia, meio editorial e sabe-se lá quem mais" (GINSBERG, 1976, p. 8, ênfase no original).



Nasci em 1914, numa sólida casa em tijolo aparente, de três andares, numa grande cidade do Meio Oeste. Meus velhos viviam bem. Meu pai tocava seu próprio negócio madeireiro. A casa tinha uma área na frente, um quintal nos fundos com jardim, um laguinho cheio de peixes e uma cerca alta de madeira protegendo tudo.

Freqüentei (*sic*) uma escola moderna, ao lado dos futuros cidadãos íntegros – advogados, médicos e empresários de uma grande cidade americana.

Entrei numa das Três Grandes universidades, onde me graduei em literatura inglesa por falta de interesse em outro assunto. (BURROUGHS, 1984, p. 11-13)

Nesse sentido, pode-se julgar que o personagem Bill tinha perfeitas condições para ser bem sucedido, ser também um dos futuros cidadãos íntegros de uma grande cidade americana. Mas, justamente nesta frase parece haver uma primeira crítica sutil, a modo de ironia, à sociedade de sua época. Burroughs demonstra-se indiferente ao sucesso dos cidadãos íntegros.

O autor retrata que ter condições para tornar-se um cidadão íntegro não significa vir a ser um deles. Nesse sentido vale aqui fazer uma aproximação à filosofia existencialista de Sartre que afirma que a “existência precede a essência” (SARTRE, 2014, p. 25). Sim, Bill não nascera num ambiente que o condicionasse a ser um viciado, mas existiu e viveu sua existência de modo que gradativamente, como se observa no decorrer de sua narrativa, entrou no vício das drogas, experimentando praticamente todas as drogas disponíveis de sua época (CHAVES JÚNIOR, 2013, p. 26).

Pode-se dizer que Bill apresenta-se mesmo como um rebelde diante da sociedade de sua época. Embora ele não afirme literalmente isso, percebe-se nas entrelinhas, uma atitude de rebeldia e de menosprezo pela sociedade proibicionista à qual ele fazia parte. Aliás, a negação desta sociedade e do ideal *American way of life* era a atitude declarada dos *beats*.



Os *beats* podem ser definidos, em poucas palavras, como

(...) jovens em associações múltiplas que trabalharam sua arte sem manifestos ou programas, mas por meio de suas experiências corriqueiras com o sexo, as drogas, as viagens, a loucura e as prisões. Esses amigos apresentavam estilos literários bem diversos entre si, mas contribuíram generosamente para uma produção conjunta de livros, tanto por meio da troca de correspondências quanto por livros escritos em associação. (CHAVES JÚNIOR, 2013, p. 13)

Apenas com as primeiras páginas do livro de William Burroughs já é possível constatar que sua narrativa não mede esforços para expressar, sem censuras, a inquietação do personagem narrador⁴. Medo, alucinações, paixão proibida (apego romântico por um garoto) e atos criminosos fizeram parte de sua infância e juventude (BURROUGHS, 1984, p. 11-13) – e pode-se afirmar também que estas expressões acompanharam toda a vida de Burroughs.

Ainda nas páginas iniciais (tanto no prólogo como nas primeiras páginas do livro) a homossexualidade aparece não como um tema a ser tratado, como algo excepcional ou polêmico (como a sociedade da época via) que mereça um capítulo inteiro ou ainda que deva ser tratado como tema central de um livro. A homossexualidade é tratada pelo autor como algo simplesmente natural, estrutural numa sociedade, ou que pelo menos assim devesse ser tratado. Não há preocupação com o pudor ao se relatar uma relação sexual, seja heterossexual ou homossexual. Isso fora motivo de escândalo e indignação para a cultura de sua época. Não é a toa que o livro foi muito criticado e impedido, pelo menos por um tempo, de ser comercializado⁵.

Se a homossexualidade não é tabu para um *beat* dentro de um contexto onde o puritanismo escravizador se faz presente numa sociedade capitalista industrial, tampouco a experiência *junky* vem a ser um problema dentro do estilo de vida *beat*. Aliás, sexo, drogas e atos criminosos fazem parte de uma vida bem vivida segundo os critérios da negação de Moloch, o monstro, disfarçado com o ideal de estilo americano feliz, que em nome do progresso econômico tolhe a liberdade humana (GINSBERG, 2012, p. 144-162).

⁴ Afirma-se que Burroughs não tinha interesse em ser escritor, porém, motivado por fatos diversos e estimulado por seus amigos, arrisca-se também a escrever (cf. CHAVES JÚNIOR, 2013, p. 35).

⁵ Outro motivo que levou à proibição de comercializar o livro foi o fato de tratar de maneira explícita das drogas. Segundo Chaves Júnior, o livro foi impedido de ser comercializado em regiões onde circulavam drogas (CHAVES JÚNIOR, 2013, p. 149).



Assim como para Ginsberg e Kerouac, para Burroughs, não importam as regras sociais; não importam as estruturas consolidadas que ferem a liberdade do ser humano; não importa o discurso sobre a racionalidade fruto do arsenal intelectual do ocidente; importa, sim, a vida a ser vivida sem censuras, uma vida levada segundo os prazeres experimentados pelo corpo. Sim, Ginsberg, Kerouac e Burroughs parecem tratar o corpo como referência e essência do ser humano.

Mas, por que a sociedade censurara tanto o corpo, a ponto de ser necessário um grito – um uivo – por parte de um grupo de amigos para afirmar a santidade do corpo? Esta é a pergunta e crítica dos *beats*: o corpo é santo (cf. GINSBERG, 2012, p. 194), assim como “a alma é santa” (p. 194), assim como “o mundo é santo” (p. 194), assim como o vagabundo é santo (cf. p. 194), afirma Ginsberg, no poema *Uivo*.

Nesta valorização do corpo enquanto pura e verdadeira existência – pois não há corpo *versus* razão, uma vez que não impera a racionalidade no personagem principal, mas sim o impulso dos desejos em busca de respostas imediatas que satisfaçam as necessidades – não existe censura, não há regras morais, não há proibição, não há culpa, mas somente a vivência livre e inocente daquilo que é bom. Arthur Schopenhauer já afirmara, em sua crítica a Kant, que o corpo é vontade, vontade de viver, uma vontade tornada visível, o que coincide com a essência da realidade (SCHOPENHAUER, 2005, p. 509).

Aqui é possível ainda fazer um paralelo àquilo que Nietzsche classifica como espírito dionisíaco, ao falar sobre a cultura grega antiga. Sim, a vida de Burroughs também pode ser aproximada à liberdade do “espírito dionisíaco” (REALE; ANTISERI, 2006, p. 7) frente ao “espírito apolíneo” (p. 7). O autor *beat* seria, em certo sentido, também um nobre, segundo Nietzsche, uma vez que o personagem não encontra lugar para culpa diante de tudo que experiência (NIETZSCHE, 1983, p. 21-22). Tampouco se sente reprimido ou ressentido diante dos condicionamentos da sociedade à qual pertence.

De fato, o *junky* narrador vivia o instante, sempre à procura do prazer, sem preocupar-se com o futuro. Durante toda a narrativa não se encontra um momento em que ele se estabiliza ou que queira se estabilizar numa residência. Pelo contrário, o modo como ele narra seu modo de vida sugere que ele não tinha a preocupação em ter uma residência fixa. Ele vivia pagando aluguel em pequenos apartamentos do subúrbio ou em quartos de hotéis baratos.

Também não se descreve no livro o interesse em se firmar numa determinada localidade. O personagem Bill migra de bairro, de cidade, e até mesmo de país. Chega ao México para se livrar da polícia que já o procurava por ser um criminoso traficante e usuário de drogas. Não poucas vezes ele fora apanhado pela polícia e levado à delegacia.



No decorrer da narrativa não se encontra, ainda, menção à profissão de Bill. Transparece a ideia de que o personagem não se importava em ter uma profissão ou uma ocupação. Ele necessitava simplesmente em ter certa renda para poder alimentar seu vício. Antes de entrar no mundo das drogas ele vivia apenas com uma mesada de 150 ou 200 dólares que recebia de sua família (BURROUGHS, 1984, p. 15; CHAVES JÚNIOR, 2013, p. 33). Com o passar do tempo, esse dinheiro tornou-se pouco para sustentar o uso de drogas. A solução encontrada foi traficá-las, revendendo-as. Assim, não somente ele tinha algum dinheiro na mão como teria também fácil acesso às drogas. E é assim, correndo os riscos de se revender drogas, que Bill passa alguns anos de sua vida.

A leitura de *Junky* demonstra que para Bill o que existe é simplesmente o presente, ou seja, o que está aí para ser vivido. E isso sem escrúpulos, sem peso de consciência ou, usando um ditado popular, sem medo de ser feliz. Assim, não há motivo para pensar que a droga deva ser algo proibido, afinal, se ela está aí, se ela existe, é para ser usada.

Importante ressaltar que não se deve, a partir destas ideias, crer que Bill escolheu tornar-se um viciado. Não. Assim como ele não planejou sua vida, preocupando-se com uma carreira promissora prometida pelo ideal *American way of life*, ele também não decidiu se tornar um viciado. Isso ele relata claramente em sua narrativa:

Ninguém levanta de manhã e resolve se viciar. (...). Eu a experimentei por curiosidade. Ia tomando umas picadas sempre que descolava a droga. (...). Ninguém começou a usar drogas por algum motivo especial. Apenas foram tomando seus picos até se verem fisgados. (BURROUGHS, 1984, p. 15)

Para Bill, o importante era estar aí, diante da existência, diante do mundo, não como um objeto, mas como sujeito ativo, como alguém que interage e não como espectador dos acontecimentos. Com este pensamento de que a realidade é a possibilidade de realizar livremente sua existência o autor *beat* aproxima-se da filosofia existencialista de Heidegger (cf. REALE; ANTISERI, 2006, p. 205). Porém, Burroughs parece ir mais longe, demonstrando em sua vida que não há proibições, que não há normas ou padrões preestabelecidos para orientar a vida, a norma suprema é o prazer. E, aqui, já se distancia de Heidegger aproximando-se do conceito de indivíduo esteta, segundo o existencialismo de Kierkegaard.

Para Kierkegaard, o indivíduo esteta é aquele que se deixa levar pelos prazeres da paixão e pelos prazeres imediatos da vida, numa postura livre de compromissos duradouros (KIERKEGAARD, 2006, p. 368). Porém, o filósofo



defende que esta postura existencial leva o indivíduo ao desespero que requer da pessoa um salto qualitativo para uma vida ética: a decisão de restringir sua liberdade em prol de uma vida comprometida e responsável. Isso, segundo Kierkegaard, o aliviará da angústia existencial (FARAGO, 2006, p. 128-129).

Entretanto, não é isso que Bill experimenta. Ainda que o personagem tenha momentos dramáticos por causa do uso de drogas⁶ e do álcool (BURROUGHS, 1984, p. 145) e queira, por vezes, desintoxicar-se, não se encontra a menção à angústia nem se fala de uma restrição da liberdade para solucionar o problema das drogas. Aliás, por mais que haja momentos críticos na vida de Burroughs, ele parece não ver como um problema o vício, mas, simplesmente o vê como um meio de vida.

Contrariando a teoria kierkegaardiana, Burroughs retrata logo no prólogo que na **vida esteta** está a felicidade:

Nunca me arrependi da minha experiência com drogas. Acho que estou melhor de saúde agora, depois de ter tomado drogas pesadas em vários períodos da vida, do que estaria se nunca tivesse me viciado. Quando se pára (*sic*) de crescer, se morre. Um viciado nunca pára (*sic*) de crescer. (BURROUGHS, 1984, p.15-16)

Mesmo tendo presente que Bill sofreu com as drogas (conforme se observa não poucas vezes no decorrer da narrativa) e mesmo desconsiderando a veracidade da argumentação do prólogo, o final do livro propõe novamente o caráter de felicidade presente em seu modo de vida:

Resolvi me mandar pra Colômbia e descolar yage⁷. (...). Estou prestes a partir pro sul em busca do puro barato que expande a mente (...). Barato quer dizer ver as coisas de um ângulo especial. Barato significa liberdade momentânea das exigências da carne, tão perecível, cautelosa, irritadiça e apavorada, coitada. (BURROUGHS, 1984, p. 160-161)

⁶ “Eu sabia que não queria continuar no junk. Se fosse simples tomar essa decisão, eu nunca mais tocaria em junk” (BURROUGHS, 1984, p. 135).

⁷ Yage era uma droga nova, segundo o autor, usada pelos índios das cabeceiras do rio Amazonas (cf. BURROUGHS, 1984, p. 160).



Assim, o estilo de vida de Bill, por mais estranho que pareça, é um meio de vida ao qual ele bem ou mal se identificou.

CONCLUSÃO

William S. Burroughs foi um crítico de sua época. Porém, não simplesmente questionou a sociedade com textos ou discursos, mas sim com sua vida, relatada direta e indiretamente em sua literatura. Como se pôde ver, nas considerações apresentadas, Burroughs não se preocupou com as regras de boa conduta ou com os bons costumes ditados pela sociedade de sua época. Porém, mais que um revoltado, ele demonstra, na obra aqui apresentada, a realização de um ideal de vida sem compromissos. O autor mostra que a existência precede a essência; demonstra que Dionísio não está preso a Apolo; demonstra que Moloch não deve ser temido.

Junky afirma que a racionalidade cega da modernidade necessita ser substituída pela clareza da santidade do corpo. Esse é o grito dos *beats*, esse é o clamor de Burroughs, que, não obstante ser viciado em drogas, mostra de maneira arguta a indignação de uma geração que sofre as consequências da imposição da condenação do corpo como fonte de pecado.

O ser humano é livre, independe das imposições de uma cultura capitalista: ele pensa e, por isso, existe. Ou melhor, ele existe e, por isso, é livre para escolher viver aprisionado pelas imposições da cultura ocidental ou para fugir sutilmente de Moloch, declarando a santidade do corpo numa vida sem barreiras, sem culpa, sem virtude, onde "tudo se explica" (COMTE-SPONVILLE, 2000, p. 83) e "tudo se desculpa" (p. 83). Nihilismo à vista? Talvez, porém é a ascensão da pós-modernidade que quer libertar-se dos grilhões da racionalidade ferrenha que tolheu a liberdade do corpo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BURROUGHS, W. S. *Junky: drogado*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHAVES JÚNIOR, W. W. *O comissário do esgoto: coragem da verdade e artes da existência na escritura-vida de William Burroughs*. Disponível em: <<https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/3535/1/Wander%20Wilson%20Chaves%20Junior.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2017.



- COMTE-SPONVILLE, A. *Viver*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DOUBROVSKY, S. *Fils*. Paris: Galilée, 1977.
- FARAGO, F. *Compreender Kierkegaard*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- FEUERBACH, L. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GINSBERG, A. Introdução. In: BURROUGHS, W. S. *Junky: drogado*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 5-9.
- _____. *Uivo*. São Paulo: Globo, 2012.
- KIERKEGAARD, S. A. *O lo uno o lo outro: um fragmento de vida*, v. 1. Madrid: Trotta, 2006.
- NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral*. 4. ed. Lisboa: Guimarães, 1983.
- REALE, G. *Platão: história da filosofia grega e romana*. São Paulo: Loyola, 2007.
- _____; ANTISERI, D. *História da filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt*. São Paulo: Paulus, 2006.
- SARTRE, J. *O existencialismo é um humanismo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*, v. 1. São Paulo: UNESP, 2005.

